



A PREPOSIÇÃO PARA SOB A ÓTICA SÓCIO-HISTÓRICA: ANÁLISE DO ITEM NA ESCRITA DE ALUNOS DO 9º ANO DE UMA ESCOLA RURBANA

THE PREPOSITION PARA UNDER THE SOCIO-HISTORICAL
OPTICS: ANALYSIS OF THE ITEM IN THE WRITING OF
STUDENTS OF THE 9TH GRADE OF A RURBAN SCHOOL

Isabel dos Santos Magalhães Gomes

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (belisamgomes2@yahoo.com.br)

Valéria Viana Sousa

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (valeriavianasousa@gmail.com)

Jorge Augusto Alves da Silva

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (adavgvstvm@gmail.com)

Resumo: Este artigo objetiva estudar, na escrita de alunos do 9º ano de uma escola rurbana, a variação do uso da preposição *PARA* e *A* em contextos de verbos de movimento, fato que averiguaremos com base na Sócio-História, cogitando a propensão desses itens à gramaticalização desde sua gênese, segundo destaca Said Ali (1966 [1921]), adotando a concepção de língua enquanto sistema heterogêneo e maleável, afeito à variação e mudança, conforme preconizado em Labov (2008 [1975]), Mollica (2017), Lucchesi (2015), Martelotta e Kenedy (2015). Para tanto, partimos da sala de aula, *locus* propício à reflexão sobre a língua real, como propõe Bortoni-Ricardo (2004), tomando a Sociolinguística Laboviana para análise das ocorrências, cujos resultados parciais apontam a confirmação da concorrência entre *PARA* e *A*, mais condicionada por fatores linguísticos do que extralinguísticos.

Palavras-chave: Sócio-História; Sociolinguística; Sala de aula; Preposição; Rurbano

Abstract: *This article aims to study the variation of the use of the preposition PARA as opposed to A, in contexts of movement verbs in the writing of 9th grade students, in a rural school, a fact that will be investigated based on Socio-History, considering the propensity of these items to grammaticalization since its genesis, according to Said Ali (1966 [1921]), adopting the concept of language as a heterogeneous and malleable system, subject to variation and change, as advocated in Labov (2008 [1975]), Mollica (2017), Lucchesi (2015), Martelotta and Kenedy (2015). For that, we start from the classroom, conducive locus to reflection on the real language, as proposed by Bortoni-Ricardo (2004), taking the Labovian Sociolinguistics to analyze the occurrences, whose partial results point to the confirmation of the competition between PARA and A, more conditioned by linguistic rather than extralinguistic factors.*

Keywords: *Socio-History; Sociolinguistics; Classroom; Preposition; Rural*

INTRODUÇÃO

A variação é um fenômeno linguístico inerente às línguas naturais. Como postula Perini (2010), nenhuma língua é uniforme; todas são passíveis de variabilidade e mutabilidade, vez que não há sociedade ou comunidade em que todos se expressem linguisticamente da mesma forma. Partindo dessa constatação, e aportados no que preconiza Bortoni-Ricardo (2004) acerca de o espaço da sala de aula consistir-se *locus* propício para a averiguação de tais fenômenos, propomo-nos a estudar, na escrita de alunos do 9º ano de uma escola rural, a variação do uso da preposição *para* em oposição a preposição *a*, em contextos de verbos de movimento. A exemplo das realizações “Vou *para* São Paulo. *vs* Vou *a* São Paulo”.

Tomando a Sociolinguística Variacionista como aporte metodológico investigaremos quais fatores linguísticos e extralinguísticos estão condicionando o uso de um item em situação de oposição ao outro na escrita desses discentes, hipotetizando que i) fatores linguísticos como o tipo de verbo, natureza do SN preposicional e definitude do SN locativo têm favorecido a preponderância de *para*; ii) traço semântico de [+ e -] permanência não tem demarcado o emprego de *para* ou *a* como prescreve a Tradição Gramatical; iii) a configuração do espaço ([+ e -] aberto) pode influenciar na preferência de uso de um dos itens em investigação e iv) fatores extralinguísticos como diazonalidade e sexo têm motivado a recorrência dessa variação.

Sendo a nossa pesquisa de base sócio-histórica, esboçaremos, sucintamente, a trajetória do item *para* do Latim ao Português, ancorados em Said Ali (1966 [1921]) e Coutinho (2011 [1938]), além de discutimo-lo nas perspectivas da Tradição Gramatical, Cunha e Cintra (1985), Rocha Lima (2000) e Bechara

(2004); da vertente linguística, Neves (2000), Bagno (2010)¹ e Castilho (2016) e do livro didático, Cochar e Cereja (1998) e (2015). Isso posto, discutirmos os resultados até aqui analisados, ressaltando que esta é uma pesquisa ainda em andamento, consistindo, pois, este artigo, em uma prévia de nosso trabalho².

1 APORTE TEÓRICO

Concebendo a língua enquanto sistema heterogêneo no qual variação e mudança constituem escopo de estudo e reflexão, além da imbricação de fatores sociais e linguísticos como condicionantes para a ocorrência de fatos dessa natureza, necessário fez-se que nos aportemos em estudos de cunho sociolinguístico de autores como Bortoni-Ricardo (2004), Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1975]), Mollica (2017), Lucchesi (2015).

Na concepção desses autores, em linhas gerais, são os usos variáveis e seus determinantes sociais e estilísticos associados à competência linguística que têm funcionando como base mais concisa para uma teoria da mudança, entendendo, nesse contexto, a heterogeneidade enquanto um fenômeno passível de ordenação, além de perceber a não uniformidade como garantia de funcionalidade desse sistema. Assim, a Sociolinguística, cujo foco é o emprego concreto da língua, sobretudo sua heterogeneidade, conforme define Mollica (2017), consiste no aporte maior desta pesquisa. Assim, é definida essa ciência nas palavras da autora:

A Sociolinguística [...] estuda a língua em uso no seio das comunidades de fala, voltando a atenção para um tipo de investigação que correlacionam aspectos linguísticos e sociais. Esta ciência se faz presente num espaço interdisciplinar, na fronteira entre língua e sociedade, focalizando precipuamente os empregos linguísticos, em especial os de caráter heterogêneo. (MOLLICA, 2017, p. 9).

A partir desse postulado, entendemos que, investigando a variabilidade de *para* e *a* em situação concreta de emprego pelos discentes em textos mais e menos formais, estamos indo ao encontro dos pressupostos dessa teoria. É importante destacar que Bortoni-Ricardo (2004) salienta a relevância de se trazer

¹ Consideramos importante trazer a discussão desse autor para o diálogo com os demais linguistas, pois apesar de a sua gramática ser denominada pedagógica, a sua abordagem é feita numa perspectiva sociolinguística.

² Dissertação de Mestrado Profissional em Letras- ProfLetras (UESB), texto final ainda em construção.

a Sociolinguística para o cotidiano escolar vez que a sala de aula se constitui um ambiente regido pela heterogeneidade, rico em oportunidades para investigação de variações e mudanças linguísticas, além de possibilitar ações de intervenção e reflexão sobre a língua em uso. A autora compreende os fatos linguísticos associados a alguns *continua*, sendo o foco de nosso trabalho assentado, *a priori*, no *continuum* da urbanização, visto que, há na classe em estudo um contingente significativo de discentes advindos da zona rural.

Vale ressaltar que a perspectiva do Funcionalismo também coaduna com a proposta desta pesquisa, pois assenta seus estudos na fluidez das línguas humanas, considerando a sua estrutura maleável, atrelando a sua “função” ao desempenho da linguagem pelos indivíduos. Em consonância com os pressupostos sociolinguísticos, associa às variações, fatores sociais, culturais, individuais, regionais, históricos, entre outros, conforme preconiza Neves (1997) citando Halliday (1973).

Nesse contexto, entendemos que para uma melhor compreensão do fenômeno, é significativo partimos da Sócio-História, como o faremos a seguir.

2 PARA NA SÓCIO-HISTÓRIA DO PB

Conhecer a forma como é compreendida a língua é de suma importância para nortear nossa pesquisa, considerando que nos propomos a analisar a preposição numa perspectiva sócio-histórica de variação e mudança, concebendo seu uso concreto desde sua gênese. É, pois, partindo dessa premissa, que ora tentamos explorar o item preposicional *para*, fundamentando-nos, inicialmente, em sua história vez que o mesmo constitui o foco do nosso estudo.

Said Ali (1966 [1921]) afirma que as preposições advieram do Latim, do Românico e de advérbios da mesma Língua Portuguesa e que, nesse processo de traslado, algumas de origem latina desapareceram ou deixaram de funcionar como tal, outras sofreram alterações e outras, ainda, adentraram ao nosso léxico na íntegra. O autor salienta, também, que cada preposição teve originariamente um sentido, contudo, houve as que alargaram seu domínio semântico chegando a ocupar o espaço de outras no uso efetivo, o que nos permite entrever que, de fato, essa classe é propensa à variação e à mudança. Processo que não foi diferente com o item aqui estudado, pois ainda na contemporaneidade, *para* delinea-se, ainda, enquanto um item propenso à variação, vez que é possível observarmos, em contextos atuais, formas variantes, a exemplo de *p’ra* (utilizado literariamente), *pra* (comuns em registros não monitorados) e *pa* (mais restrito à

linguagem oral não monitorada). Além de outra ocorrência de variabilidade desse item, que consiste objeto principal desta pesquisa: sua contínua competição com a preposição *a*, prioritariamente, em construções oracionais com verbos que indicam movimento, como na oposição: Vou *para* São Paulo *vs* Vou *a* São Paulo, que acreditamos, não apresentar distinção de sentido e empregabilidade para a maioria dos usuários do PB.

É, pois, embasados em tais pressupostos, que objetivamos analisar o item *para* e suas possibilidades de variação, partindo, como já dissemos, do seu percurso histórico, do seu surgimento e ausência na língua latina. E, hodiernamente, observando como tem sido abordado tanto na tradição gramatical quanto na perspectiva linguística e, também, no livro didático.

2.1 Gramática histórica

Como já prenunciamos, *para* apresenta-se gramaticalizado desde o seu surgimento. Apontada por estudiosos das origens do português como um item que não faz parte do escopo das preposições presentes no Latim, pois é uma forma composta proveniente de duas outras preposições latinas *per ad* (formação mais aceita) ou *pro ad* (defendida por alguns). Para melhor compreendermos o fenômeno da variação e o processo de formação do item preposicional que ora analisamos, é indispensável que adentremos, ainda que brevemente, à sua história.

De acordo com o que já salientamos inicialmente, Coutinho (2011 [1938]) reafirma que a classe preposicional foi transplantada do Latim para nossa língua, conforme é notabilizado nesta asserção feita por ele: “A maior parte das preposições latinas passaram para o português” (COUTINHO, 2011 [1938], p. 268). No entanto, ele não descreve com minúcias o uso dessa categoria na língua mãe, atém-se a elencar as preposições portuguesas, correlacionando-as aos seus constituintes latinos. No caso de *para*, explicita que esse adveio da forma arcaica *pera* que por seu turno, foi constituída por *per + ad*.

Said Ali (1966 [1921]) discute a origem e uso de *para* esteando-se nas funções de *por* (do Latim *pro*) que compete com *per* e prevalece sobre este, senão por ser utilizado com maior frequência do que aquele. Fenômeno que, segundo o autor, deveu-se mais à pronúncia do que a fatores semânticos. Ele, embora postule que pelo aspecto e sentido do item, é defensável sua proveniência da junção de *per + ad*, acredita que o mesmo pode ser decorrente da aglutinação de *pro + ad*, o que seria, para ele, mais correto, etimologicamente. O autor ainda

acrescenta que a preposição *para*, desde o início, era utilizada com a valência *de destinação* e *lugar para onde*, correspondendo, como se pode observar, com seu atual sentido *de direção* e, em consonância com os valores de *ad* descritos nas gramáticas latinas e um dos valores de *per* acrescido por *ele* que, além das acepções já elencadas, afirma que essa preposição podia também significar *lugar por onde*.

Assim, ancorados nessas abordagens as quais apontam para mudanças ocorridas no próprio Latim e no seu processo de translado para as línguas românicas, além da especificação do domínio semântico dos constituintes de *para*, podemos afirmar, pois, que tal item formou-se da combinação das preposições latinas *per* e *ad*, estando, portanto, ausente na língua da qual se originou. O que é melhor explicitado no quadro 1.

Quadro 1 – *Para* do Latim para o Português

Said Ali (1966 [1921])	Coutinho (2011 [1938])
<ul style="list-style-type: none"> • Per suplantado por para (< <i>pera</i> < <i>per</i> + <i>ad</i>) • Séc. XVI–XVIII <i>pera</i> e para funcionando • Para vs a (mov. + demorado/ <i>mov.</i> + <i>direto</i>) 	<i>Para</i> < <i>pera</i> (arc.) < <i>per</i> + <i>ad</i>

Fonte: Elaborado pelos autores.

2.2 Tradição gramatical

Os compêndios aqui analisados, Cunha e Cintra (1985), Rocha Lima (2000) e Bechara (2004), grosso modo, definem as preposições como palavras invariáveis que conectam e subordinam dois termos, estabelecendo relação de dependência, ao mesmo tempo que as consideram enquanto elementos “ocós” de sentido, funcionando apenas como nexos sintáticos que se dispõem ao papel de servidão gramatical.

No concernente ao item *para*, Cunha e Cintra (1985) associam a esse a expressão de movimento que tende para um limite, finalidade e direção, propondo uma tênue distinção entre o emprego desse em oposição à *a*: a ideia de direção sobre o término do movimento, ou seja, *a* indicaria o percurso, enquanto *para* o ponto final desse percurso, o que é questionável, vez que o usuário não tem demarcado tal diferenciação.

Por sua vez, Rocha Lima (2000) concebe como função desse item o de introdutor do objeto indireto e, também, de orações subordinadas, tratando-o

numa perspectiva de valores, destaca algumas das relações estabelecidas pelo mesmo (lugar para onde, direção, fim, consequência...), sem contrapô-las aos usos da preposição *a*. Avançando um pouco mais, Bechara (2004) aborda a função de *para* sob a ótica de referências semânticas, observando o papel desempenhando por esse em um contexto; classifica-o como elemento dinâmico numa relação de aproximação ao término do movimento, associando-o a mera direção. Embora não discuta as possibilidades de variação desse elemento, o autor é o único dos três a citar algumas de suas formas optativas (*pra*, *pras*, *pro*, *pros*) denominando-as como contrações, sem, no entanto, abordá-las na perspectiva da variação e mudança.

É perceptível, nessas discussões, as noções de dinamicidade, finalidade e direção já descritas por Said Ali (1966 [1921]) desde o surgimento do item em questão, entretanto não são discutidas sua propensão à gramaticalização e variabilidade, não se levando, pois, em conta língua e usuário reais.

2.3 Perspectiva linguística

Em dissonância com o que propõe a Gramática Tradicional, a abordagem linguística defende que nenhuma categoria gramatical é vazia de sentido ou irrelevante no sistema linguístico, como salienta Perini (2010), ao argumentar que o mais importante é que novas atitudes sejam adotadas diante dos estudos gramaticais, principalmente, no concernente ao ensino do português. E, de fato, uma nova concepção acerca do item *para*, ao tratá-lo admitindo a língua em uso, é configurada nessa perspectiva descritiva,

Na voz de Neves (2000) o funcionamento de *para* é descrito dentro do sistema de transitividade como introdutora de complemento tanto do verbo, quanto do adjetivo, do substantivo e do advérbio. Discute-o também fora do contexto da transitividade considerando as relações semânticas que lhe permitem adquirir novos sentidos nos sintagmas verbal e nominal, bem como elemento indicativo de circunstância, especificação locativa espacial ou temporal, complemento do verbo *ser* e na construção de perífrases de infinitivo, além de analisá-lo em relações fixas em determinadas expressões (*Para o que der e vier*” equivalendo a “*para tudo*”). No que diz respeito a sua função como complementizador verbal, a autora parte da noção de movimento aludindo a um ponto de chegada, a um ponto de destino e a um ponto final (com verbos + dinâmicos e – dinâmicos), especificando os vários sentidos que *para* apresenta em cada caso.

Castilho (2016), pauta-se na constatação do processo de regramaticalização de *para* ao ser transplantado do Latim para o nosso idioma, assinalando que, na contemporaneidade, a concorrência entre *a*, *em* e *para* é uma realidade, admitindo uma possível substituição dos dois primeiros pelo último. Para ele, a probabilidade de *para* prevalecer em relação aos outros itens, é atribuída à dificuldade dos usuários do PB em operar o emprego da crase, além da flutuação da transitividade de alguns verbos. O autor salienta ainda que as preposições *a* e *para* entram em variação, principalmente, em contextos de verbos de movimento, já que não se tem identificado a prescrição da GT no sentido de um deslocamento que implica em retorno ou não, como suporte para a diferenciação de seus respectivos usos.

Bagno (2011), em consonância com Castilho (2016), parte da origem latina de *para*, ratificando que o mesmo provém da forma arcaica *pera*, constituída, por seu turno, de *per* + *ad*, enfatizando, também, a sua gramaticalização. Para melhor entendimento dos sentidos atribuídos a essa preposição, ele explicita a significação original de *ad* - no Latim vulgar e nas línguas românicas - funcionando como indicador de movimento espacial e introdutor do objeto indireto, e *per* - que, de maneira geral, exprime “para adiante”, “à frente”, demonstrando, assim, que a noção de movimento lhe é intrínseca, desde sua formação, o que confirma nossa hipótese, em se tratando do contexto de verbos de movimento como favoráveis à opacidade de *a* e prevalência de *para*. Ao argumentar que, no vernáculo geral brasileiro *a* e *para* têm sido empregados nos mesmos contextos (de mais e menos permanência), o autor contrapõe-se à gramática normativa, a qual sustenta que *a* deve ser usado em ocorrências que denotam menos permanência e *para*, restritamente, em indicação de mais permanência.

É, pois, fundamentados nessas acepções e, aportados, principalmente, nas perspectivas propostas por Neves (2000) acerca do desempenho do item em análise no uso efetivo da língua, que investigaremos, a partir do cotidiano escolar, conforme sugerido por Bortoni-Ricardo (2004), o fenômeno linguístico da rivalização entre *a* e *para*, visto que entendemos como relevante averiguarmos na fala e na escrita de discentes como tal fenômeno tem se revelado.

Para tanto, consideramos importante analisarmos também como esse item tem sido tratado no livro didático de Português, recurso muito utilizado pelos docentes em nossas escolas.

2.4 O que propõe o livro didático

Apesar de os estudos linguísticos terem avançado significativamente, no concernente à concepção que se deve conduzir o ensino de língua materna partindo da epilinguagem, Neves (2017) observa que o tratamento das categorias gramaticais no LD tem sido o mesmo ao longo de mais de 20 anos: categorizado e dissociado do funcionamento sintagmático, do comportamento semântico, além de restringir-se ao universo oracional, o que é corroborado por Silva (2017), que aportado em pesquisas de Neves (1991 e 2017), reafirma que, em nossas escolas, ainda persiste uma prática de ensinar gramática apenas como exercício de classificação e de metalinguagem, desvinculado do texto e do contexto interacional e sócio-histórico.

Partindo dessas constatações, nos propomos a refletir sobre que óptica o livro didático do componente curricular Língua Portuguesa tem assentado suas explicitações acerca da categoria preposicional. Para tanto analisaremos a coleção *Português: linguagens* (utilizada pelos discentes informantes), de William Roberto Cereja e Tereza Cochar Magalhães, 9ª edição (reformulada) – 2015, referendada para o PNLN de 2017, 2018 e 2019, estabelecendo comparação com a sua 1ª edição, de 1998. Ressaltamos que mesmo sendo o fenômeno da variação (*para vs a*) investigado na escrita de alunos do 9º ano, o exemplar em evidência é do 7º ano, visto que essa categoria é abordada, pelos autores, no volume destinado a essa série/ano. O quadro 2 nos fornece uma visão geral do tratamento dado à categoria no LD.

Quadro 2: Análise do LD

1ª edição (1998)	9ª edição (2015)
<p>Exemplar 6ª série</p> <ul style="list-style-type: none">• Conceituação com base na GT;• Quadro com delimitação das preposições (essenciais segundo a GT);• Locuções prepositivas;• Combinação e contração;• Valores semânticos/sentido. Abordagem restrita• Exercícios pautados na metalinguagem.	<p>Exemplar do 7º ano (6ª série)</p> <ul style="list-style-type: none">• A mesma conceituação da 1ª edição;• O mesmo quadro da 1ª edição;• Não aborda locuções prepositivas;• Combinação e contração – idem;• Valores semânticos/sentido – ampliação tímida;• Exercícios apresenta questões meta e epilinguísticas.

<p>Exemplar da 8ª série Ao tratar da regência, apenas transcreve parte da prescrição da Gramática Tradicional.</p>	<p>Exemplar do 9º ano (8ª série) No mesmo tópico, já observa o não emprego de algumas preposições na fala cotidiana, considerando o uso formal e informal.</p>
--	--

Fonte: Elaborado pelos autores.

Conforme se pode perceber, como apontado por Neves (2017), de fato, não houve avanço considerável entre as edições, apesar de terem se passado 17 anos entre a 1ª e a última. No exemplar mais recente, do 7º ano, ocorre apenas uma tímida ampliação no que se refere aos valores semânticos e já há proposição de algumas questões de teor epilinguístico. Nos volumes do 9 ano/ 8ª série, ao tratar de regência verbal, na edição atual, os autores apresentam alguns boxes com situações que retratam a língua em uso, asseverando para os contextos em que se pode utilizar a forma cotidiana e a forma padrão. Vale destacar que nessa coleção não abordagem a itens específicos, trata-se da categoria preposicional com um todo.

3 MATERIAIS E MÉTODO

O *corpus* do presente trabalho é formado por ocorrências extraídas de testes de percepção/avaliação, e uma primeira produção textual, do grupo de informantes, 28 alunos do 9º ano do Ensino Fundamental do Colégio Estadual Anísio Teixeira, uma escola rurbana de Vitória da Conquista – BA. Dados que serão analisados com base na Sociolinguística Laboviana, considerando-se as variáveis linguísticas (tipo de verbo, natureza do SN preposicional, definitude do SN locativo, traço semântico de permanência e categorização do espaço) e extralinguísticas (diazonalidade e sexo).

Como já salientado, apresentamos aqui um recorte de um trabalho maior ainda em andamento; por isso, consideramos, até então, o item *para* opondo-se ao item *a* em contextos verbos dinâmicos, em eventos de uso real dos elementos, presentes nas construções dos discentes nas atividades realizadas em sala de aula. Cabe aqui a ressalva de que, antes da aplicação dos testes, os alunos foram orientados que deveriam responder as questões, as quais lhes permitiam a escolha entre uma ou outra forma, de acordo com o seu uso. Quanto à produção textual, propomos que construíssem, livremente, uma narrativa partindo de uma

dada situação, sugerindo, entretanto, que fossem empregados ao longo da produção determinados verbos.

4 RESULTADOS PARCIAIS E DISCUSSÕES

A partir de Labov, é comum aos estudos sociolinguísticos a delimitação e imbricação dos fatores internos e externos para a análise do fato linguístico em averiguação, como nos é elucidado nessas palavras de Mollica (2017):

No conjunto de variáveis internas, encontram-se os fatores de natureza morfossintáticos, semânticos, os discursivos e os lexicais. [...] no conjunto de variáveis externas à língua, reúnem-se os fatores inerentes ao indivíduo (etnia e sexo) os propriamente sociais (como escolarização, nível de renda, profissão e classe social) e os contextuais (como grau de formalidade e tensão discursiva. (MOLLICA, 2017, p. 11).

Abarcando-se, assim, as particularidades da língua em seus diversos aspectos, bem como do usuário, ao considerá-lo enquanto ser individual e social que é passível as oscilações circunstanciais inerentes aos contextos interacionais, tais dimensões são consideradas nesta pesquisa, que adota como objeto uma variável binária (*para* em variação com *a*). A autora destaca a correlação dessas variáveis externas e internas ao sistema linguístico, salientando que essas não agem de maneira isolada, mas conjuntamente, favorecendo o uso de uma das formas em variação.

Para tanto, observamos a ocorrência/frequência do fenômeno investigado considerando variáveis linguísticas e não linguísticas, adotando para estas (as extralinguísticas) os padrões de trabalhos variacionistas, levando em conta os fatores que julgamos mais relevantes e distintivos (em relação à quantidade) em nossa comunidade de participantes, sendo:

- a) Diazonalidade (morador de zona urbana ou rural), visto que como salientamos, a classe é composta por discentes de ambos os espaços, equivalendo a mais de um terço os oriundos da zona rural.
- b) Sexo (feminino e masculino), reputando estudos outros que apontam a mulher como mais conservadora quanto ao uso da norma padrão.

Na tabela 1, é evidenciado como as formas variantes (*para/a*) se apresentam diante das variáveis independentes extralinguísticas por nós eleitas.

Tabela 1: PARA vs A – Fatores extralinguísticos

Grupos	Subgrupos	Ocorrências/total	Frequência
Diazonalidade	Zona rural	44/70	62,9%
	Zona urbana	91/142	64%
Sexo	Masculino	86/131	65,7%
	Feminino	51/83	61,5%

Fonte: Elaborado pelos autores.

Como podemos observar, a proximidade dos resultados não indica favorecimento de nenhum dos itens por esses fatores extralinguísticos, contudo, podemos afirmar que, na escrita desses informantes, é confirmada a coocorrência das variantes em rivalização.

No concernente às variáveis linguísticas, ancorados em Paredes da Silva (2017), a qual afirma que nas análises sociolinguísticas, paralelamente aos fatores sociais, desde sempre se considerou fatores linguísticos, evidenciando os fonológicos, morfológicos, sintáticos, semânticos... e direcionados pelos trabalhos sobre variação das preposições *para/a/em*, de Mollica (2003) e Vieira (2009), é que delimitamos as variáveis independentes internas à língua (morfofossintáticas e semânticas) para a análise da variação em estudo nesta pesquisa, apresentando-se, assim, estratificadas:

I. TIPO DE VERBO

a) Locativo – Voltarei *para* São Paulo este mês. (BL-MPUv)

Hoje eu não quis ir *a* escola. (RA-HUPv)

b) Transitivo Indireto com um só complemento

Ele falou *para* o público jovem. (PE-HUPv)

Ele pagou *ao* garçom. (PH-HUPv)

c) Bitransitivo

[+ OD + OI] (obj. indireto não adjacente ao verbo)

Trouxemos cultura *para* essa gente. (LF-HUPb)

Vou pedir doces *a* minha mãe. (CB-MUPb)

[+ OI + OD] (obj. indireto adjacente ao verbo)

O professor dará *para* os alunos, uma palestra. (MO-MUPb)

Contamos *a* eles o que vimos. (VN-HUPv)

II. NATUREZA SINTÁTICA DO SN PREPOSICIONAL

- a) SN adverbial
- Adjacente ao verbo
Jack precisa ir *ao* trabalho todos os dias. (LF-HUPb)
Eu levei um murro e fui *para* o hospital. (VS-HRPb)
 - Não adjacente ao verbo
Fomos de carro *para* casa com minha mãe. (VS-HRPb)
Ele *trouxe* o filho *ao* shopping. (AP-MRPv)
- b) Objeto indireto
- [+ humano] - Fui levar comida *pro* meu pai. (DS-HRPb)
Vou pedir doces *a* minha mãe. (CB-MUPb)
 - [- humano] - Ele levou água *ao* animal. (DC-HUPv)
Dei remédios *para* os cachorros. (RA-HUPv)

III. DEFINITUDE DO SN LOCATIVO

a) [+ definido]:

Ela veio *a* minha casa ... (TS-MRPb)

Não vejo a hora de minha mãe voltar *para* nossa casa. (RS-MUPv)

b) [- definido]:

Estou pensando em ir *para* outra cidade. (MI-MUPv)

Foi mandado levar uma carta *a* um reino. (DC-HUPv)

c) Indefinido:

Pretendo ir *para* faculdade. (PH-HUPb)

Ele teve que voltar *a* casa. (DT-HUPb)

IV. TRAÇO SEMÂNTICO DE PERMANÊNCIA

a) [+ permanência]

Vou embora *para* outra cidade. (MI-MUPv)

No feriado iremos *à* Salvador. (CB-MUPb)

b) [- permanência]

Fui *para* o hospital. (VS-HRPb)

Foram *ao* shopping, se divertiram. (AB-MUPv)

V. CONFIGURAÇÃO DO ESPAÇO

a) [+ aberto]

Meus pais irão à praia comigo. (DR-HRPv)

Rafael mora em São Paulo, mas tem que voltar *para* Minas. (GC-HRPv)

b) [- aberto]

Voltaremos à casa do vovô. (RM-HUPb)

Eu não gosto de vir *para* a escola. (PH-HUPb)

É necessário ressaltar que, no *corpus* composto pelas produções dos informantes, há ocorrências com todas as variáveis independentes linguísticas cogitadas para análise; todavia, como este é um trabalho ainda em construção, não se ponderaram ainda os valores reais quanto ao condicionamento do uso de *para* ou *a* nesses contextos. Mesmo assim, verificamos a frequência de *para* vs *a* com os verbos locativos indicados para serem utilizados na produção textual, conforme podemos visualizar na tabela 2.

Tabela 2: PARA vs A com os verbos locativos *ir, levar, trazer, vir e voltar*.

Verbo	Ocorrência/Total	Frequência de PARA
Voltar	50/66	75,8%
Ir	26/44	59,1%
levar	20/40	50%
vir	20/33	60,7%
trazer	19/29	65,6%

Fonte: Elaborado pelos autores.

A partir dos resultados apresentados na tabela, podemos afirmar que os verbos locativos, em sua maioria, favorecem o uso de *para*, estabelecendo-se, nesse contexto a concorrência desses itens com preponderância de *para* sobre *a*, principalmente com o verbo *voltar* (com 75,8% de frequência), seguido por *trazer* (com 65,6%) e *vir* (com 60,7%). Já os verbos *ir* e *levar* apontam, nessa amostra, para a coocorrência das formas variantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa (ainda em andamento) já é possível afirmar que estão ocorrendo situações de concorrência e coocorrência entre os itens *para* e *a*, com provável prevalência de *para* sobre *a* em alguns contextos, mais condicionada por fatores linguísticos do que extralinguísticos.

Os resultados obtidos, até então, apontam para a preferência do uso de *para* em contextos de verbo de movimento, mais favorecida por aspectos linguísticos como verbos locativos e intransitivos, também construções com Prep. + SN adverbial e o objeto indireto com característica [+ humana] tem condicionado o uso de *para* em oposição a *a* na escrita dos nossos informantes.

Em se tratando da definitude do SN locativo, o traço [+ definido] tem favorecido a ocorrência de *a* e os traços [- definindo] e indefinido são mais favoráveis ao emprego de *para*. Quanto aos traços semânticos, o de [- permanência] tem motivado o uso de *a* e *para* em contextos semelhantes, e o de [+ permanência] elege com maior recorrência o item *para*. Já o fator configuração do espaço, com esses dados, não evidenciou favorecimento ao uso mais específico de um ou outro item, os informantes estão usando *para* e *a* em ambas as situações, configurando-se conquanto coocorrência e não concorrência

No concernente aos fatores extralinguísticos, o aspecto diazonalidade indica, uma maior frequência de *para* na escrita do discente utente urbano. Quanto ao sexo, a recorrência de *para* é mais evidente na escrita dos discentes do sexo masculino, ressaltando que ambos apresentam diferença não muito significativa.

Contudo, os resultados parciais apontam para a confirmação da nossa hipótese que, na Língua Portuguesa, é possível ver contextos em que *a* vs *para* seja uma realidade, sendo a prevalência do último mais condicionada por fatores linguísticos.

É importante destacar que estudos dessa natureza, que adotam a sala de aula como campo de investigação de fenômenos linguísticos, corroboram para reflexão, quiçá, mudanças, das práticas pedagógicas adotadas em nossas escolas, pois como apontam pesquisas da área, há necessidade premente de a escola rever suas concepções e posturas no concernente ao trabalho gramatical. Perini (2000) argumenta a esse respeito que ainda se acredita que saber gramática é o mesmo que saber português, sendo isso prerrogativa de poucos, já que comumente a escola nos condiciona a pensar que não dominamos nossa língua, inculcando em nós a permanente noção do fracasso e do erro. Conduzindo-nos a entender que

discussões assim tornam-se cada vez mais basilares para a formação do docente e discente de Língua Portuguesa, já que tudo converge para a não eficácia das concepções assumidas pelas instituições escolares

REFERÊNCIAS

- ALI, Said. *Gramática histórica da língua portuguesa*. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1966.
- BAGNO, Marcos. *Gramática pedagógica do português brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula*. 4. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- CASTILHO, Ataliba T de. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2016.
- CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Anália Cochar. *Português: linguagens*. 6ª série. São Paulo: Atual, 1998.
- _____. *Português: linguagens*. 8ª série. São Paulo: Atual, 1998.
- _____. *Português: linguagens* 7. 9. ed. São Paulo: Saraiva, 2015
- _____. *Português: linguagens* 9. 9. ed. São Paulo: Saraiva, 2015
- COUTINHO, Ismael de Lima. *Gramática Histórica*. Rio de Janeiro: Imperial Novo Milênio, 2011.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- LUCCHESI, Dante. *Língua e sociedade partidas: a polarização sociolinguística no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2015.
- MARTELOTTA, Mário Eduardo; KENEDY, Eduardo. A visão funcionalista da linguagem no século XX. In: CUNHA, Maria Angélica Furtado; OLIVEIRA, Mariângela Rios; MARTELOTTA, Mário Eduardo. (Orgs) *Linguística Funcional: teoria e prática*. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.
- MOLLICA, Maria Cecília. *Da linguagem coloquial à escrita padrão*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2003.
- _____. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: MOLLICA, Maria Cecília, BRAGA, Maria Luiza. (orgs) *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2017.
- NEVES, Maria Helena de Moura. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- _____. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

_____. *Categorias gramaticais em materiais didáticos*. In: CASSEB-GALVÃO, Vania; NEVES, Maria Helena de Moura. (orgs) *O todo da língua: teoria e prática do ensino de português*. São Paulo: Parábola editoria, 2017.

PAREDES da SILVA, Vera Lúcia. Relevância das variáveis linguísticas. In MOLLICA, Maria Cecília, BRAGA, Maria Luiza. (orgs) *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2017.

PERINI, Mário A. *Gramática do português brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

_____. *Sofrendo a Gramática: ensaios sobre a linguagem*. São Paulo: Ática, 2000.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: José Olímpio, 2004.

SILVA, Leosmar Aparecida da. Por um ensino produtivo de gramática. In: CASSEB-GALVÃO, Vania; NEVES, Maria Helena de Moura. (orgs) *O todo da língua: teoria e prática do ensino de português*. São Paulo: Parábola editoria, 2017.

VIEIRA, Maria José Blaskovski. *Variação das preposições em verbos de movimento*. Signum: Est. Ling, Londrina, v. 12, n./ pp.423-345, 2009. (Tese doutorado)

WEIREINCH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, L. Marvin. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Educacional, 2006.

Nota do editor:

Artigo submetido para avaliação em: 28/02/2019.
Aprovado em sistema duplo cego em: 07/06/2019.